

Ia encontrar Bazílio no *Paraíso* pela primeira vez. (...) – Ia, enfim, ter ela própria aquela aventura que lera tantas vezes nos romances amorosos! Era uma forma nova do amor que ia experimentar, sensações excepcionais! Havia tudo – a casinha misteriosa, o segredo ilegítimo, todas as palpitações do perigo! Porque o aparato impressionava-a mais que o sentimento; e a casa em si interessava-a, atraía-a mais que Basílio! Como seria? Era para os lados de Arroios (...) ... Desejaria antes que fosse no campo, numa quinta, com arvoredos murmurosos e relvas fofas; passeariam então, com as mãos enlaçadas, num silêncio poético; e depois o som de água que cai nas bacias de pedra daria um ritmo lânguido aos sonos amorosos... Mas era num terceiro andar, – quem sabe como seria dentro? Lembrava-lhe um romance de Paul Féval em que o herói, poeta e duque, forra de cetins e tapeçarias o interior de uma choça; encontra ali a sua amante; os que passam, vendo aquele casebre arruinado, dão um pensamento compassivo à miséria que decerto o habita – enquanto dentro, muito secretamente, as flores se esfolham nos vasos de Sévres e os pés nus pisam Gobelins veneráveis! Conhecia o gosto de Bazílio – e o Paraíso decerto era como no romance de Paul Féval.

O Primo Basílio

[Basílio] Ajoelhou-se, tomou-lhe os pezinhos entre as mãos e beijou-lhos; depois, dizendo muito mal das ligas «tão feias, com fechos de metal», beijou-lhe respeitosa-mente os joelhos; e então fez-lhe baixinho um pedido. Ela corou, sorriu, dizia: não! não! E quando saiu do seu delírio tapou o rosto com as mãos, toda escarlate, murmurou repreensivamente:

– Oh Bazílio!

Ele torcia o bigode, muito satisfeito. Ensinara-lhe uma sensação nova: tinha-a na mão!

O Primo Basílio

A maior parte da gente imagina que para uma mulher esta ideia e mesmo esta palavra – ter um amante, significa muito simplesmente – ter um homem que amam. De modo nenhum: só muito raras, as descendentes de Fedra, pensam no homem. Para a generalidade das mulheres – ter um amante significa – ter uma quantidade de ocupações, de factos, de circunstâncias a que, pelo seu organismo e pela sua educação, acham um encanto inefável. (...)

Estas pequeninas coisas, que enchem a sua existência, que a complicam em cor de rosa, que a idealizam – são a sua grande atracção. E o que amam? O homem, amam-no pela quantidade de mistério, de interesse, de ocupação romanesca que ele dá à sua existência. De resto, amam o amor. Havia muito deste sentimento nas místicas e nas antigas noivas de Jesus. Amavam a Deus porque ele era o pretexto do culto. (...)

De tudo isto uma consequência lógica: – procurando dar uma ocupação ao espírito disponível da mulher, impedir que ela procure as ocupações do amor.

Hoje, justamente, faz-se o contrário.

XXXIII - “O Problema do adultério”, Uma Campanha Alegre

O Conselheiro [Acácio] era [para D. Felicidade] a sua ambição e o seu vício! Havia sobretudo nele uma beleza, cuja contemplação demorada a estonteava como um vinho forte: era a calva. Sempre tivera o gosto perverso de certas mulheres pela calva dos homens, e aquele apetite insatisfeito inflamara-se com a idade. Quando se punha a olhar para a calva do Conselheiro, larga, redonda, polida, brilhante às luzes, uma transpiraçãozinha ansiosa humedecia-lhe as costas, os olhos dardejavam-lhe, tinha uma vontade absurda, ávida de lhe deitar as mãos, palpá-la, sentir-lhe as formas, amassá-la, penetrar-se dela!

O Primo Basílio

Puseram-se a falar dos *sentimentos*. Leopoldina tivera quatro; a mais bonita era a Joaquina, a Freitas. Que olhos! E que bem feita! Tinha-lhe feito a corte um mês!...

– Tolices! – disse Luísa corando um pouco.

– Tolices! Porquê?

Ai!, era sempre com saudade que falava dos *sentimentos*. Tinham sido as primeiras sensações, as mais intensas. Que agonia de ciúmes! Que delírio de reconciliações! E os beijos furtados! E os olhares! E os bilhetinhos, e todas as palpitações do coração, as primeiras da vida!

– Nunca – exclamou –, nunca, depois de mulher, senti por um homem o que senti pela Joaquina!... Pois podes crer...

O Primo Basílio

E desde esse dia Juliana saboreava com delícias, com gula, muito consigo – aquele gozo de a ter «na mão», a Luíza, a senhora, a patroa, a *piorrinha*! Via-a aperaltar-se, ir ao homem, cantarolar, comer bem – e pensava com uma voluptuosidade felina: Anda, folga, folga, que eu cá ta tenho armada! Aquilo dava-lhe um orgulho perverso. Sentia-se vagamente *senhora da casa*. Tinha ali fechada na mão a felicidade, o bom nome, a honra, a paz dos patrões! Que desforra!

E o futuro estava certo! *Aquilo* era dinheiro, o pão da velhice. Ah!, tinha-lhe chegado o seu dia! Todos os dias rezava uma Salve-rainha de graças a Nossa Senhora, mãe dos homens!

O Primo Basílio

E naquela onda de felicidade que o invadia, veio-lhe a boa ideia de levar um presente à Lulu. Pensou num leque. Mas depois decidiu-se logo por uma pulseira que vira havia dias, numa vidraça de ourives. Era uma serpente mordendo o rabo, com dois olhos de rubis. E este presente tinha uma significação: a serpente simbolizava a eterna continuidade, a volta regular dos dias felizes, alguma coisa que vai sempre girando num círculo de ouro.

Alves & C^a

– Ai, isso vai aí uma destruição que nem tu imaginas. Olha, vem cá dentro, vem ver, vem cá ao nosso quarto.

Ele mesmo entrou, ela teve um rubor de virgem que penetra na câmara nupcial: e apenas entrou, ele apoderou-se dela, arrastou-a para a alcova do lavatório, e ali no escuro, violentamente, freneticamente, beijou-a pelos olhos, pelo cabelo, pelo chapéu, fartando-se da doçura da sua pele, sentindo-se morrer àquela frescura que ela trazia do frio da rua. (...)

– (...) Tu ficas, amor, nunca mais nos separam.

Ela consentiu, num beijo.

Alves & C^a

... não quis estar mais tempo sem agradecer a V. S.^a o seu excelente artigo do dia 16. Apesar de me ser em geral adverso, quase severo, e de ser inspirado por uma hostilidade quase partidária à Escola Realista – esse artigo todavia pela sua elevação e pelo talento com que está feito honra o meu livro, quase lhe aumenta a autoridade. Quando conhecer os outros artigos de V. S.^a poderei permitir-me discutir as suas opiniões sobre este – não em minha defesa pessoal (eu nada valho), não em defesa dos graves defeitos dos meus romances, mas em defesa da Escola que eles representam e que eu considero como um elevado factor do progresso moral na sociedade moderna.

Carta a Machado de Assis - Newcastle, 29 de junho de 1878

O excelente abade estava escarlate de satisfação. (...) Vivia tão absorvido pela sua «arte» que lhe acontecia, nos sermões de domingo, dar aos fiéis ajoelhados para receberem a palavra de Deus, conselhos sobre o bacalhau guisado ou sobre os condimentos do sarrabulho. (...)

– Não é lá por dizer, mas a cabidela hoje saiu-me boa!

Estava com efeito, como disse o cónego Dias, de tentar Santo Antão no deserto! Todos tinham tirado as capas, e, só com as batinas, as voltas alargadas, comiam devagar, falando pouco. (...) e o bom sol do meio-dia dava tons muito alegres à louça, às bojudas canecas azuis com vinho da Bairrada, aos pires de pimentões escarlates, às frescas malgas de azeitonas pretas – enquanto o bom abade, de olho arregalado, mordendo o beijo, ia cortando com cuidado nacos brancos do peito do capão recheado. (...)

A sobremesa foi longa, muito saboreada. Natário tornara-se terno, falava das suas sobrinhas, «as suas duas rosas», e citava Virgílio, molhando as castanhas em vinho. Amaro, todo deitado para trás na cadeira, as mãos nos bolsos, olhava maquinalmente as árvores do jardim, pensando vagamente em Amélia, nas suas formas; suspirou mesmo com um desejo dela – enquanto o padre Brito, rubro, queria convencer os republicanos a *marmeleiro*.

O Crime do Padre Amaro

Na sua cela havia uma imagem da Virgem (...). Amaro voltava-se para ela como para um refúgio, rezava-lhe a salve-rainha: mas, ficando a contemplar a litografia, esquecia a santidade da Virgem, via apenas diante de si uma linda moça loura; amava-a; suspirava; despindo-se olhava-a de revés lubrificamente; e mesmo a sua curiosidade ousava erguer as pregas castas da túnica azul da imagem e supor formas, redondezas, uma carne branca...

O Crime do Padre Amaro

Descia, ia folhear o seu Breviário; mas a voz de Amélia falava em cima, o *tic-tic* das suas botinas batia o soalho ... Adeus! A devoção caía como uma vela a que falta o vento; as boas resoluções fugiam, e lá voltavam as tentações em bando a apoderar-se do seu cérebro, frementes, arrulhando, roçando-se umas pelas outras como um bando de pombas que recolhem ao pombal.

O Crime do Padre Amaro

Foi assim que uma manhã lhe fez ver uma capa de Nossa Senhora, que havia dias chegara de presente duma devota rica de Ourém. Amélia admirou-a muito. (...)

– Rica obra, hem? Centos de mil-réis... Experimentámo-la ontem na imagem... (...) – A ti é que te havia de ficar bem. Deixa ver... (...)

Pôs-lha aos ombros, apertou-lhe sobre o peito o fecho de prata lavrada. E afastou-se para a contemplar toda envolvida no manto, assustada e imóvel, com um sorriso cáldo de gozo devoto. (...)

– Oh filhinha, és mais linda que Nossa Senhora! (...)

Amaro então chegou-se por detrás dela, cruzou-lhe os braços sobre o seio, apertou-a toda – e estendendo os lábios por sobre os dela, deu-lhe um beijo mudo, muito longo... Os olhos de Amélia cerravam-se, a cabeça inclinava-se-lhe para trás, pesada de desejo. Os beijos do padre não se desprendiam, ávidos, sorvendo-lhe a alma. A respiração dela apressava-se, os joelhos tremiam-lhe: e com um gemido desfaleceu sobre o ombro do padre, descorada e morta de gozo. (...)

– Oh Amaro, que horror, que pecado!...

O Crime do Padre Amaro

O conde riu: e dizia, caminhando entre os dois padres, até quase junto das grades que cercam a estátua de Luís de Camões: (...)

– A verdade, meus senhores, é que os estrangeiros invejam-nos... E (...) enquanto neste país houver sacerdotes respeitáveis como Vossas Senhorias, Portugal há-de manter com dignidade o seu lugar na Europa! Porque a fé, meus senhores, é a base da ordem! (...) Senão, vejam Vossas Senhorias isto! Que paz, que animação, que prosperidade!

E com um grande gesto mostrava-lhes o Largo do Loreto, que àquela hora, num fim de tarde serena, concentrava a vida da cidade. Tipóias vazias rodavam devagar; pares de senhoras passavam, de cuia cheia e tacão alto, com os movimentos derreados, a palidez clorótica duma degeneração de raça; nalguma magra pileca, ia trotando algum moço de nome histórico, com a face ainda esverdeada da noitada de vinho; pelos bancos de praça gente estirava-se num torpor de vadiagem; um carro de bois, aos solavancos sobre as suas altas rodas, era como o símbolo de agriculturas atrasadas de séculos; fadistas gingavam, de cigarro nos dentes; algum burguês enfasiado lia nos cartazes o anúncio de operetas obsoletas; nas faces enfezadas de operários havia como a personificação das indústrias moribundas... (...)

E o homem de Estado, os dois homens de religião, todos três em linha, junto às grades do monumento, gozavam de cabeça alta esta certeza gloriosa da grandeza do seu país, – ali ao pé daquele pedestal, sob o frio olhar de bronze do velho poeta, erecto e nobre, com os seus largos ombros de cavaleiro forte, a epopeia sobre o coração, a espada firme, cercado dos cronistas e dos poetas heróicos da antiga pátria – pátria para sempre passada, memória quase perdida!

O Crime do Padre Amaro

Ela ficara aninhada no peito de Carlos, como desfalecida.

– Não sei porquê, queria morrer...

Um largo brilho de relâmpago alumiou o rio. Maria teve medo, entraram na alcova. Os molhos de velas de duas serpentinas, batendo os damascos e os cetins amarelos, embebiam o ar tépido, onde errava um perfume, numa refulgência ardente de sacrário: e as bretanhas, as rendas do leito já aberto punham uma casta alvura de neve fresca nesse luxo amoroso e cor de chama. Fora, para os lados do mar, um trovão rolou lento e surdo. Mas Maria já o não ouviu, caída nos braços de Carlos. Nunca o desejara, nunca o adorara tanto! Os seus beijos ansiosos pareciam tender mais longe que a carne, traspassá-lo, querer sorver-lhe a vontade e a alma – e toda a noite, entre esses brocados radiantes, com os cabelos soltos, divina na sua nudez, ela lhe apareceu realmente como a deusa que ele sempre imaginara, que o arrebatava enfim, apertado ao seu seio imortal, e com ele pairava numa celebração de amor, muito alto, sobre nuvens de ouro...

Os Maias

... descintou a *Corneta* (...), releu lentamente a prosa imunda (...). Era monstruoso, na verdade, que sobre uma mulher, quieta, inofensiva no silêncio da sua casa, alguém ousasse tão brutalmente arremessar esse lodo às mãos-cheias! E a sua indignação alargava-se, do foliculário que babara aquilo – até à sociedade que, na sua decomposição, produzira o foliculário. Decerto toda a cidade sofria a sua vérmina. Mas só Lisboa, só a horrível Lisboa, com o seu apodrecimento moral, o seu rebaixamento social, a perda inteira de bom senso, o desvio profundo do bom gosto, a sua pulhice e o seu calão, podia produzir uma *Corneta do Diabo*.

E, no meio desta alta cólera de moralista, uma dor perpassava, precisa e dilacerante. Sim, toda a sociedade de Lisboa fazia um monturo sórdido neste canto do mundo – mas, em suma, havia no artigo da *Corneta* uma calúnia? Não. Era o passado de Maria (...) que alguém desenterrava para o mostrar bem alto ao sol, com as suas manchas e os seus rasgões... (...)

Pendia todo para ela, num enternecimento mais generoso e mais quente – enquanto a sua razão assim arengava, cautelosa e austera. Ele tinha naquela alma o seu culto perfeito, naqueles braços a sua voluptuosidade magnífica; fora dali não havia felicidade; a única sabedoria era prender-se a ela pelo derradeiro elo, o mais forte, o seu nome, embora as *Cornetas do Diabo* atroassem todo o ar. E assim afrontaria o mundo numa soberba revolta, afirmando a onnipotência, o reino único da Paixão... Mas primeiro mataria o foliculário!

Os Maias

Esta política, este S. Bento, esta eloquência, estes bacharéis matam-me. Querem dizer agora aí que isto por fim não é pior que a Bulgária. Histórias! Nunca houve uma choldra assim no universo!

– Choldra em que você chafurda! – observou o Ega rindo.

O outro recuou com um grande gesto:

– Distingamos! Chafurdo por necessidade, como político; e troço por gosto, como artista!

Mas Ega justamente, achava uma desgraça incomparável para o país – esse imoral desacordo entre a inteligência e o carácter. Assim, ali estava o amigo Gonçalo, como homem de inteligência, considerando o Gouvarinho um imbecil...

– Uma cavalgada – corrigiu o outro.

– Perfeitamente! E todavia, como político, você quer essa cavalgada para ministro, e vai apoiá-la com votos e com discursos sempre que ela relinche ou escoucine.

Gonçalo correu lentamente a mão pela gaforinha, com a face franzida:

– É necessário, homem! Razões de disciplina e de solidariedade partidária... Há uns compromissos... O Paço quer, gosta dele...

Espreitou em roda, murmurou, colado ao Ega:

– Há aí umas questões de sindicatos, de banqueiros, de concessões em Moçambique... Dinheiro, menino, o onnipotente dinheiro!

Os Maias

E agora, pouco a pouco, subia nele uma incredulidade contra esta catástrofe de dramalhão. Era acaso verosímil que tal se passasse, com um amigo seu, numa rua de Lisboa, numa casa alugada à mãe Cruges?... Não podia ser! Esses horrores só se produziam na confusão social, no tumulto da Meia-Idade! Mas numa sociedade burguesa, bem policiada, bem escriturada, garantida por tantas leis, documentada por tantos papéis, com tanto registro de batismo, com tanta certidão de casamento, não podia ser! (...) Não era possível. Tais coisas pertencem só aos livros, onde vêm, como invenções subtis da arte, para dar à alma humana um terror novo... (...) Ali estava porém esse homem [o Sr. Guimarães] com a sua história – em que não havia uma discordância por onde ela pudesse ser abalada!... (...) Sim, tudo isso era provável no fundo! Essa criança, filha duma senhora que a levava consigo, cresce, é amante dum brasileiro, vem a Lisboa, habita Lisboa. Num bairro vizinho vive outro filho dessa mulher, por ela deixado, que cresceu, é um homem. Pela sua figura, o seu luxo, ele destaca nesta cidade provinciana e pelintra. Ela, por seu lado, loura, alta, esplêndida, vestida pela Laferriere, flor duma civilização superior, faz relevo nesta multidão de mulheres miudinhas e morenas. Na pequenez da Baixa e do Aterro, onde todos se acotovelavam, os dois fatalmente se cruzam: e com o seu brilho pessoal, muito fatalmente se atraem! Há nada mais natural? Se ela fosse feia e trouxesse aos ombros uma confeção barata da Loja da América, se ele fosse um mocinho encolhido de chapéu de coco, nunca se notariam e seguiriam diversamente nos seus destinos diversos. Assim, o conhecerem-se era certo, o amarem-se era provável... E um dia o sr. Guimarães passa, a verdade terrível estala!

Os Maias

Ele tenteava, procurando na brancura da roupa: encontrou um joelho a que percebia a forma e o calor suave, através da seda leve: e ali esqueceu a mão, aberta e frouxa, como morta, num entorpecimento onde toda a vontade e toda a consciência se lhe fundiam, deixando-lhe apenas a sensação daquela pele quente e macia onde a sua palma pousava. Um suspiro, um pequenino suspiro de criança, fugiu dos lábios de Maria, morreu na sombra. Carlos sentiu a quentura de desejo que vinha dela, que o entontecia, terrível como o bafo ardente dum abismo, escancarado na terra a seus pés. Ainda balbuciou: «Não, não...» Mas ela estendeu os braços, envolveu-lhe o pescoço, puxando-o para si, num murmúrio que era como a continuação do suspiro, e em que o nome de *querido* sussurrava e tremia. Sem resistência, como um corpo morto que um sopro impele, ele caiu-lhe sobre o seio. Os seus lábios secos acharam-se colados, num beijo aberto que os humedecia. E de repente, Carlos enlaçou-a furiosamente, esmagando-a e sugando-a, numa paixão e num desespero que fez tremer todo o leito.

Os Maias